



COBERTURAS VIVAS EXTENSIVAS: ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO EM PROJETOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE E SERRA GAÚCHA

Lisandra F. Krebs (1); Miguel A. Sattler (2)

(1) Arq. e Urb., MEng. – Escritório Krebs Sustentabilidade – Porto Alegre, Brasil – e-mail:
liskrebs@gmail.com

(2) Eng. Civil, PhD – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil – Núcleo Orientado para a Inovação da Edificação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail:
masattler@gmail.com

RESUMO

A utilização de coberturas vivas extensivas pode trazer vantagens, tanto em nível urbanístico, quanto para o conforto térmico de seus usuários imediatos. Apesar do crescente interesse de profissionais e usuários pelo assunto, o Brasil não possui tradição nesta técnica construtiva. As coberturas vivas extensivas têm sido pouco contempladas nas publicações nacionais e, quando o são, dificilmente demonstram experiências práticas ou evidenciam recomendações projetuais em diferentes situações. As experiências práticas possibilitam comparar as técnicas empregadas localmente com aquelas referidas na literatura, e trazem dados sobre o que fazer e o que evitar fazer no emprego deste tipo de solução. O presente trabalho tem como objetivo analisar as experiências de utilização de coberturas vivas extensivas na região selecionada, identificando suas características projetuais, a maneira como foram executadas, a necessidade de manutenção e apontando os principais erros a serem evitados. A pesquisa levantou um conjunto de dez obras utilizando coberturas vivas extensivas, na cidade de Porto Alegre e na Serra gaúcha, a partir da década de 70. Durante a investigação foi realizado um levantamento de materiais técnicos (projetos e seus detalhamentos construtivos), e visitas para sua avaliação *in loco*, além de entrevistas com projetistas, e usuários. A aplicação desta técnica na região estudada mostrou-se viável e os resultados apontam para a necessidade de maior atenção, por parte dos projetistas, sobretudo na execução destas coberturas. Ainda, evidenciou-se a falta de elementos construtivos pré-fabricados em indústria, assim como a necessidade de mais pesquisas sobre o tema. A presente pesquisa possibilita traçar um comparativo entre a bibliografia existente sobre o tema (prioritariamente internacional) e a realidade que os profissionais enfrentam localmente. Ainda, busca contribuir para a formação de um banco de dados sobre a utilização de coberturas vivas no Brasil.

Palavras-chave: sustentabilidade ambiental; construção civil; coberturas vivas.

1 INTRODUÇÃO

A utilização de coberturas vivas extensivas pode trazer vantagens, tanto em nível urbanístico, quanto para o conforto térmico dos usuários das edificações com elas contemplados. Este tipo de cobertura, está se tornando, cada vez mais, um requisito projetual em novos empreendimentos e reformas.

Apesar do crescente interesse de profissionais e usuários por este tipo de cobertura, o Brasil não possui tradição nesta técnica construtiva e há, ainda, certa carência de informações na literatura nacional sobre o assunto. A literatura pesquisada, prioritariamente internacional, apresenta materiais ainda não encontrados no mercado brasileiro, e este ainda não dispõe de uma industrialização consolidada.

A análise de experiências práticas possibilita a comparação das soluções projetuais adotadas localmente, com aquelas referidas na literatura. Adicionalmente, a compilação de dados sobre as etapas de execução e manutenção, bem como as entrevistas com usuários, possibilitam o conhecimento das dificuldades enfrentadas, sobretudo pela falta de industrialização de componentes, e pela falta de especialização da mão-de-obra, o que tem sido enfrentado por quem que executa as coberturas vivas.

O objetivo deste artigo é analisar as experiências de utilização de coberturas vivas extensivas na região selecionada, identificando seus projetos, execução e manutenção, assim como os principais erros a serem evitados. A partir desta análise, torna-se possível elencar recomendações úteis para projetistas, executores e usuários.

2 CARACTERÍSTICAS DAS COBERTURAS VIVAS EXTENSIVAS

O que caracteriza as coberturas vivas é a aplicação de vegetação sobre o telhado, sob a forma de grama ou de outras espécies vegetais. As coberturas são construídas em camadas, como as de substrato e de impermeabilização, que são localizadas sob esta vegetação, e podem comportar diferentes estruturas para o seu suporte.

2.1 Definição de coberturas vivas extensivas

A literatura pesquisada identifica dois tipos de coberturas vivas. Esta classificação leva em conta a espessura da camada de substrato, os tipos de plantas a ele associados, e a necessidade de manutenção. As coberturas vivas intensivas (ou ajardinadas) são possíveis apenas em coberturas planas, costumam ter substratos com 20cm ou mais de espessura e, segundo Britto (2001), podem ser compostas de plantas, arbustos e até árvores, e têm a manutenção típica de qualquer jardim cultivado.

As coberturas denominadas extensivas, por sua vez, possuem uma camada de substrato menor, geralmente próxima de 10cm, e podem ser executadas, tanto em coberturas planas, quanto em inclinadas. Britto (2001) descreve a vegetação deste tipo de cobertura como (geralmente) autóctonas, sendo irrigadas e nutridas por processos naturais. Segundo Minke (2000), a vegetação destas coberturas compreende pequenos arbustos, gramas e ervas, e exige menos manutenção que as coberturas vivas intensivas. O autor explica que estas coberturas formam uma durável e fechada camada de plantas e que seu peso, com a terra molhada, corresponde a menos de 160Kg/m².

Fagundes e Mano (2001 apud KROLKIEWICZ, 1991) salientam que as coberturas vivas extensivas tendem a se aproximar das formas de vegetação próximas ao meio em que está inserida a edificação. Por este motivo, são utilizadas espécies adequadas às condições de exigências climáticas locais, particularmente as espécies nativas, assim como as que possuem alta capacidade de adaptação.

2.2 Benefícios

Além dos aspectos psicológicos, relacionados ao aumento de área vegetada em meios urbanos, as coberturas vivas oferecem, também, benefícios de ordem técnica, como:

- Resfriamento do entorno imediato: segundo Menegat *et al.* (1998), as massas vegetais contribuem para diminuir o impacto das chamadas "ilhas de calor" urbanas;
- Redução da amplitude de oscilação de temperatura do ciclo dia/noite, através da evapotranspiração e da condensação da água. Minke (2004) afirma que este fenômeno será reforçado, ainda, através de uma relativamente grande capacidade térmica, tanto pela água contida nas plantas e no substrato, quanto através do fenômeno natural da fotossíntese;

- Isolamento térmico: Minke (2004) refere que em regiões de clima quente, e com intensa radiação solar, o efeito de resfriamento das coberturas é ainda mais notório que o de isolamento térmico, no inverno. Por um lado, isso se explica devido à sombra gerada sobre a terra, pela vegetação, o que impede a radiação solar de incidir diretamente sobre ela; e por outro, devido ao consumo da energia solar incidente para a evaporação da água e para a fotossíntese. Há, ainda, uma parcela dessa energia solar que é refletida pelas folhas;
- Redução da oscilação térmica sobre a impermeabilização (e consequente aumento de sua vida-útil): devido à existência da vegetação e do substrato, há uma redução na oscilação térmica da camada de impermeabilização e também da estrutura. Pouey (1998) refere que, em sua pesquisa, as medições feitas no nível da impermeabilização (em protótipo com cobertura viva) apresentaram menores oscilações térmicas em todas as estações, comparativamente àquelas apresentadas por uma cobertura com terraço impermeabilizado, de boa execução, e que a autora usou para fins de comparação;
- Redução no impacto de águas pluviais incidentes sobre os telhados: segundo Pouey (1998), em telhados com cobertura viva o percentual das águas das chuvas que serão conduzidas pela canalização cai para cerca de 30% do total do volume incidente. Além disso, há um atraso no tempo de escoamento das águas das chuvas, relativamente à precipitação, o que possibilita o alívio dos sistemas de drenagem pluvial.

2.3 Composição construtiva

As coberturas vivas extensivas são compostas por várias camadas (figura 1):



Figura 1 - camadas que compõem uma cobertura viva extensiva genérica. Baseado em (MINKE, 2004)

A listagem abaixo, elaborada por Kohler *et al.* (2004), descreve a função de cada camada da cobertura:

- a) impermeabilização: impede a infiltração de água na estrutura;
- b) membrana resistente às raízes: é a camada de proteção, para impedir danos à impermeabilização como, por exemplo, por raízes agressivas;
- c) substrato com efeito de drenagem aumentado: também chamado de camada drenante, é responsável pela regulagem da detenção de água e da drenagem de seu excesso;
- d) substrato: é onde se encontram os nutrientes, dando suporte à vegetação, retendo e absorvendo água. O tipo de substrato, bem como sua altura, irá variar conforme a vegetação escolhida e a inclinação da cobertura. Em se tratando de coberturas extensivas, normalmente a altura do substrato varia entre 4 e 19cm (total);
- e) vegetação: consiste na parte vegetal, propriamente dita. Nas coberturas extensivas as espécies que podem ser utilizadas apresentam menor diversidade, uma vez que são plantas mais rústicas, menos demandantes de maiores cuidados com manutenção.

Entre as camadas de drenagem (ou substrato drenante) e de substrato (ou substrato fino), pode ainda existir uma camada filtrante. Essa camada, composta por uma manta geo-têxtil permeável, impede a passagem dos substratos finos para a camada de drenagem o que, para coberturas planas ou de leve

inclinação, prejudicaria o sistema de drenagem e a circulação do ar. Esta manta geo-têxtil costuma, também, ser encontrada envolvendo a tubulação de drenagem.

3 MÉTODO DE PESQUISA

3.1 Amostragem

Foram investigadas obras utilizando coberturas vivas extensivas, preferencialmente na cidade de Porto Alegre. Devido ao número limitado de exemplares encontrados na cidade, e também por sua relevância, foram incluídas coberturas localizadas na região metropolitana e também na serra gaúcha (na cidade de Nova Petrópolis, especificamente). Definida a amostragem (um total de dez edificações), foram entrevistados seus autores, levantado material gráfico e outras informações pertinentes. A figura 2 mostra a cobertura mais antiga (de 1979), após sua reforma e a cobertura viva original.



Figura 2 - Residência 1 no bairro Assunção: após a reforma (a) e, em 2003, com a cobertura original (b)

3.2 Definição dos aspectos a serem analisados

Após realizadas a análise bibliográfica e as entrevistas com os autores dos projetos, foram definidos os principais aspectos a serem considerados, de boas práticas, nas fases de projeto, execução e manutenção.

Projeto	Execução	Manutenção
· Impermeabilização;	· Forma de execução;	· Irrigação;
· Substrato vegetal;	· Mão-de-obra empregada.	· Podas;
· Espécies vegetais;		· Substituição da vegetação.
· Influência da orientação solar;		
· Inclinação;		
· Drenagem das águas residuais.		

Quadro 2 - Principais aspectos a serem analisados nas coberturas pesquisadas

3.3 Entrevistas com usuários

A fim de complementar as informações obtidas durante as visitas *in loco*, foram elaboradas entrevistas semi-estruturadas, posteriormente aplicadas aos usuários. Assim, dados complementares àqueles fornecidos pelos autores de projeto e pela literatura consultada puderam ser considerados. A avaliação dos usuários, bem como a comparação de suas respostas com as expectativas dos autores dos projetos, fará parte de outro artigo, que terá este foco mais específico. Para o presente artigo, foram considerados os dados relativos à manutenção das coberturas.

3.4 Visitas *in loco*

Durante as visitas *in loco* foram observadas detalhadamente as coberturas, fazendo-se o seu registro fotográfico, e realizadas entrevistas com os usuários das edificações. Em algumas ocasiões, o autor e/ou executor das coberturas também esteve presente o que, quando aconteceu, possibilitou aprofundar e enriquecer as perguntas anteriormente feitas aos mesmos.

3.5 Análise do material levantado

Patrício (1996 apud COLOMBO, 2004) destaca que, nos métodos qualitativos de pesquisa, a análise de dados é concomitante à coleta, a fim de aprofundar gradativamente o tema estudado. Neste sentido, a organização, a análise, a reflexão e a síntese dos dados são realizados durante todo o processo de coleta de dados. Segundo a autora, este processo permite que um dado oriente a interpretação e compreensão de outros, além da obtenção de esclarecimentos e/ou validação da compreensão do investigador, em relação aos dados, junto aos sujeitos.

Durante a coleta de dados efetuou-se, concomitantemente, a sua categorização em relação aos objetos de estudo. Para tanto, foi realizada uma análise formal dos dados provenientes da coleta. Para caracterizar, de forma organizada e sucinta, os itens de análise relevantes às obras, foi elaborado um quadro de dados da edificação e da cobertura viva, no formato apresentado, como o exemplo, que segue:

Uso da edificação	Residência unifamiliar e escritório de arquitetura
Data de início da obra	1978 (término da obra, com início de ocupação em 1979)
O projeto foi concebido com cobertura viva	Sim
Tempo de construção da cobertura viva	O entrevistado não respondeu a este item
Orientação solar	Cobertura voltada para sul
Sistema estrutural da cobertura	Vigas e lajes em concreto armado
Inclinação da cobertura	Inclinação variável, entre 20° e 30°
Peso estimado por m² (com terra molhada)	O entrevistado não respondeu a este item
Drenagem	Calha em concreto, moldada junto com a estrutura.
Impregnabilidade da estrutura	Manta asfáltica
Tipo de substrato	Terra preta
Altura do substrato	25cm
Espécies vegetais empregadas	<i>Zoysia japonica</i> . Nome comum: grama-esmeralda
Houve reposição das espécies vegetais	Sim, em 2002
Estado da vegetação na visita ao local	Bom, cobrindo toda a superfície do substrato.
Tipo de manutenção requerida	Irrigação manual nos meses quentes (sem frequência definida).

Quadro 3 - Exemplo organização de dados, para uma das coberturas

Após realizadas todas as visitas in loco, bem como as entrevistas com os usuários, os dados foram então compilados, a fim de facilitar a análise dos objetos de estudo.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 Aspectos relativos à fase de projeto

4.1.1 Impermeabilização

De todos os componentes da cobertura viva, a camada de impermeabilização é a que mais exige cuidados. Além de proteger a estrutura contra a penetração de água, esta camada deve, também, apresentar uma boa proteção anti-raízes. Minke (2004) descreve, como material seguro e econômico para estas funções, um tecido de poliéster revestido em PVC, com espessura de 2mm. Segundo o autor este tecido cumpre, sozinho, as funções de impermeabilização e de proteção anti-raízes. Por ser importado, este material tem custo elevado e não foi utilizado em nenhuma das obras levantadas.

Britto (2001) conta que uma boa solução de impermeabilização deve prever um sistema formado por diversas camadas, para aumentar seu desempenho. A membrana de PEAD (polietileno de alta densidade) cumpre a função de proteção anti-raízes, mas o ideal é que abaixo dela exista uma camada específica de impermeabilizante, a fim de otimizar sua eficiência.

Embora tenha sido utilizada em 8 das 10 obras analisadas, a membrana de PEAD demonstrou ser uma opção com limitações. O material é rígido e difícil de se executar dobradas, motivo pelo qual Minke (2004), recomenda que, tanto as dobradas, quanto as emendas, sejam encomendadas junto com a membrana, vindo já executadas pelo fornecedor. Nas duas obras onde foi empregada apenas a membrana de PEAD como impermeabilização, os dados da bibliografia se confirmaram: as dobradas e arremates foram de difícil execução, nos dois casos. Uma destas coberturas é plana regular, a outra tem superfície de leve inclinação e com um formato que exigiu recortes na manta. Com esses recortes,

houve a necessidade de executar emendas, o que não foi feito na própria fábrica, e nem com a técnica indicada (solda a quente). Nas duas situações, o resultado foram infiltrações na cobertura.

Segundo Minke (2004), as membranas betuminosas necessitam proteção anti-raízes, o que pode ser feito através de uma membrana adicional. Curiosamente, a pesquisa encontrou bom resultado, em termos de durabilidade da impermeabilização, nas duas coberturas executadas apenas com manta asfáltica. Construídas no mesmo ano de 1979, as residências 1 e 2, no bairro Assunção, empregaram o este tipo de impermeabilização, que teve uma vida-útil similar, nos dois casos (vinte e quatro e vinte anos, respectivamente), até sua substituição. A explicação para que as infiltrações tenham demorado a aparecer, mesmo sem a proteção anti-raízes (conforme indicado pela literatura), é que as gramíneas, que compunham a camada de vegetação, não possuem raízes agressivas à impermeabilização. Como nas duas obras houve corte excessivo da grama (o que ocasiona um maior ressecamento do substrato e perda de matéria orgânica), pode-se supor que o material impermeabilizante poderia ter sua vida-útil extendida por mais tempo, caso essa prática não ocorresse.

4.1.2 Definição das espécies vegetais

Um dos principais benefícios proporcionados pelo uso das coberturas vivas é a pouca necessidade de manutenção. A escolha criteriosa das espécies a serem empregadas é fundamental para que esta vantagem seja obtida. Sua especificação depende, além da característica das plantas, em si, de requererem pouca manutenção, também de fatores como: orientação solar, clima local, inclinação da cobertura, se há sombreamento ou não e altura de substrato necessária. Na escolha das espécies é importante, ainda, especificar aquelas com raízes menos agressivas ao material de impermeabilização.

Na amostragem analisada foram encontradas gramíneas retiradas do próprio local de implantação das coberturas, além das seguintes espécies: *Sedum multiceps*, *Sedum-espetacular*, *Kalanchoe fedtschenkoi*, *Portulaca oleracea*, *Cuphea gracilis*, *Callisia repens*, *Aspargus densiflorus*, *Plectranthus neochilus*, *Bulbine frutescens*, *Polygonum capitatum*, *Iris sp.*, *Lavandula angustifolia*, *Lampranthus sp.*, *Portulaca grandiflora*, *Zoysia japonica*, *Tradescantia zebrina*, *Aptenia cordifolia*, *Lysimachia congestiflora*, *Bulbine frutescens*, *Schefflera arboricola* e *Balsamina*.

Ao se analisar as espécies vegetais utilizadas, constatou-se que as obras que elegeram espécies locais empregaram, predominantemente, gramíneas. As demais espécies vegetais foram, em sua quase totalidade, exóticas. Segundo o agrônomo e paisagista que prestou consultoria a quatro das obras analisadas, há pouca disponibilidade de produção e pesquisa de espécies nativas, para emprego como mudas individuais – como é o caso, nas coberturas vivas. Por este motivo, a escolha recaiu sobre as espécies já conhecidas e utilizadas em coberturas vivas. Isto sugere a necessidade de serem realizadas mais pesquisas nesta área, a fim de conhecer, também, a adaptabilidade de plantas locais e nativas a esta técnica construtiva.

O levantamento identificou substratos com diferentes composições: terra retirada do próprio local, com adição de areia, com granulometria média, terra preta; terra preta e areia (na proporção de 85% e 15%); terra preta, com adição de casca de arroz e composto orgânico de excrementos de javalis (na proporção de 75%, 20% e 5%, respectivamente); terra preta, cinzas de casca de arroz e composto orgânico de aviário (na proporção de 70%, 20% e 10%, respectivamente); e terra preta com pequenas quantidades de materiais compostados (cascas de frutas e algas marinhas).

Apesar da variedade de composições, percebeu-se que os substratos, via de regra, receberam adições, o que além de aumentar sua permeabilidade (facilitando assim a oxigenação das raízes), também contribuiu para uma maior riqueza orgânica.

4.1.3 Inclinação da cobertura

Segundo Minke (2004), as coberturas se dividem em quatro grupos, conforme sua inclinação:

- a) planas – até 3°;
- b) de leve inclinação – acima de 3° e até 20°;
- c) de forte inclinação – acima de 20° e até 40°;
- d) “empinadas” – superiores a 40°.

O mesmo autor descreve que as coberturas de leve inclinação são as mais indicadas para as coberturas vivas extensivas, sendo as mais fáceis de executar e baratas, se comparadas às demais inclinações.

Nestas coberturas, o substrato cumpre tanto a função de armazenar a água incidente, quanto de drenar a água excedente bastando, para isso, que sejam agregados ao substrato partículas de maior granulometria. Assim, é dispensada a camada adicional para drenagem da água excedente, necessária às coberturas planas, bem como o filtro que a separa do substrato. As inclinações entre 3° e 20° dispensam também os elementos de contenção do substrato, necessários às coberturas de forte inclinação e empinadas.

A observação das obras, no entanto, mostrou que apenas 2, entre as 10 coberturas, eram levemente inclinadas. As vantagens oferecidas pela leve inclinação não foram o que definiu a escolha da inclinação das coberturas. Outras questões funcionais, como a existência de um sótão sob o telhado, ou a procura da melhor inclinação para os coletores solares, foram os fatores determinantes. Mesmo nas demais casas, a escolha da inclinação deveu-se muito mais a outras decisões projetuais do que à busca pelo melhor desempenho da cobertura viva (considerando-se a relação custo-benefício). A única cobertura empinada (44° de inclinação), em Nova Petrópolis, necessitou uma contenção para impedir o deslizamento do substrato. A laje recebeu uma estrutura vulgarmente chamada de espinha de peixe (figura 3), formada por pequenas muretas com 10cm de altura.



(a)



(b)

Figura 3 - estrutura espinha-de-peixe, para evitar o deslizamento do substrato (a) e cobertura pronta (b)

4.1.4 Outros aspectos projetuais

As coberturas vivas extensivas compõem um sistema, onde a harmonia entre as partes é fundamental para seu bom desempenho. Cada escolha implica em outra encadeada, pois algumas características fazem toda a diferença dentro do conjunto. Por exemplo, coberturas extensivas planas não necessitam mecanismos anti-deslizantes (para estabilizar o substrato), mas, em contrapartida, precisam de uma camada de drenagem mais eficiente e de uma maior altura de substrato que as coberturas inclinadas.

A drenagem das águas residuais, a previsão de acesso à cobertura para a manutenção e o tipo de sistema de irrigação (quando houver), são todos aspectos de suma importância na fase de projeto, tanto quanto a escolha da vegetação ou a altura do substrato.

As coberturas vivas, em Nova Petrópolis, não apresentaram nenhuma diferenciação, em termos de espécies selecionadas, em relação às demais. As espécies vegetais, bem como todos os outros componentes da cobertura, foram definidos em função de sua disponibilidade no mercado local.

4.2 Aspectos relativos à fase de execução

Os principais cuidados a serem tomados durante a execução dos projetos, segundo os entrevistados, estão relacionados com a impermeabilização, o que coincide com a literatura pesquisada. No que se refere à execução das coberturas, dentre os exemplos levantados há apenas uma tentativa de industrialização, o restante é artesanal, lembrando as construções vernaculares européias. Esta tentativa, que resultou em um produto patenteado denominado “Ecotelhado”, possui o mérito de facilitar a montagem da cobertura viva e de oferecer facilidade de reparo, no caso de reparos no subtelhado.

As demais obras contaram com mão-de-obra ordinária ou foram executadas em sistema de mutirão, o que foi prejudicial, especialmente nas obras que utilizaram a membrana de PEAD, com suas dobras,

recortes e emendas sendo executadas *in loco*, ao contrário do recomendado por Minke (2004). A figura 4 demonstra a situação anteriormente descrita, em uma das coberturas: houve dificuldade na execução das dobradas e sobreposições da manta de PEAD, na cobertura plana (e sem recortes), o que resultou em infiltrações já na primeira chuva.



Figura 4 - recortes da manta nas bordas (a) e sobreposição da manta (b)

4.3 Aspectos relativos à fase de manutenção

O quadro 4 apresenta, de forma sintetizada, a manutenção relatada pelos entrevistados.

Obra	Manutenção realizada
1	Eventual retirada de espécies ("inços"), e a irrigação nos meses quentes. Após 24 anos, substituição da manta, substrato e vegetação.
2	Devido às infiltrações causadas pelas emendas feitas na manta, foi necessário remover partes da cobertura, refazer a impermeabilização e reaplicar o substrato e a vegetação.
3	Ainda não foi executado, mas está previsto um detalhamento a ser desenvolvido, em função das infiltrações causadas pelas dobradas e arremates da manta de PEAD.
4	Nenhuma, até o momento da visita.
5	Regagens esporádicas, no verão anterior à visita.
6	Nenhuma, até o momento da visita ao local
7	Sistema de irrigação por gotejamento, entre 2 e 3 horas por dia, durante a época de estiagem (verão).
8	Irrigação nos meses quentes, e testes com novas espécies. Substituição da calha
9	Corte da grama, eventual retirada de espécies ("inços") e irrigação nos meses quentes. Após 20 anos, substituição da manta, substrato e vegetação.
10	Nenhuma, até o momento da visita.

Quadro 4- Manutenção realizada, por cobertura

Devido ao tempo transcorrido desde sua construção, as duas coberturas mais antigas forneceram mais dados sobre manutenção. Nos dois casos houve eventual retirada de inços, e irrigação manual nos meses quentes, sem frequência definida. A respeito do corte da grama, Minke (2004) recomenda que seja evitado ao máximo, pois pode causar, além do ressecamento da cobertura, de forma rápida, a perda de matéria orgânica. O corte excessivo da grama, embora não recomendado pela literatura, foi realizado nestas duas coberturas. Na Residência 2, no bairro Assunção, inclusive, foi utilizado cortador de grama sobre a cobertura, o que contribuiu para a diminuição de sua vida-útil.

Dentre as coberturas mais novas, quatro delas necessitaram reparos e substituição da vegetação. Todas o fizeram devido a problemas de infiltrações, decorrentes de falhas nos sistemas construtivos, havendo erros de projeto e execução. Uma delas, inclusive, não apresentava um bom recobrimento durante a

visita. Sobre esta cobertura, o arquiteto entrevistado relatou que, devido a seu caráter experimental, estava testando espécies vegetais. Por este motivo, estas quatro obras não devem ser consideradas como parâmetro para a avaliação de manutenção das coberturas vivas.

Os demais exemplares analisados eram ainda de implantação recente, quando realizada a visita *in loco* (no máximo 2 anos transcorridos, desde sua execução, até o momento da visita), e a manutenção relatada pelos entrevistados restringiu-se, de modo geral, à irrigação manual, nos meses quentes.

5 CONCLUSÕES

Através da análise das obras estudadas, bem como das entrevistas realizadas com projetistas, executores e usuários, foi possível confirmar que as coberturas vivas extensivas são tecnicamente viáveis na região selecionada. A pesquisa possibilitou, também, traçar um comparativo entre a literatura existente sobre o tema e a realidade que os profissionais enfrentam localmente, confirmando recomendações dos autores, e identificando os principais erros cometidos por projetistas, executores e usuários.

Para que seu uso confirme os benefícios descritos pela literatura, é necessário que a cobertura viva seja entendida como um sistema com relativa complexidade, onde uma série de fatores interagem. A orientação solar, juntamente com a inclinação da cobertura, serão o ponto de partida na escolha das espécies vegetais a serem empregadas. Além destes fatores, esta escolha ainda deve recair sobre as espécies com raízes pouco agressivas, e de preferência nativas e com pouca necessidade de água. A inclinação também está relacionada à drenagem: coberturas planas necessitam maior drenagem de águas residuais que as demais.

Os resultados apontaram para a necessidade de maior atenção à compatibilização entre os projetos, os materiais disponíveis para sua execução (como a membrana de PEAD), e a mão-de-obra que executará a cobertura. A cobertura 3, para exemplificar, foi projetada com recorte para a chaminé, diversos planos de cobertura, e planejada para ser executada em mutirão, com mão-de-obra desqualificada. Esta combinação resultou em dificuldades na execução, e posteriores infiltrações. Ainda nesta obra, a membrana de PEAD teve suas emendas feitas por sobreposição, sem solda e *in loco*.

A experimentação é necessária para a evolução da técnica, mas sem o respeito aos requisitos, conforme descritos na literatura, enfraquecem-se os argumentos que defendem o uso de coberturas vivas em maior profusão. Um planejamento conjunto de diferentes fatores é fundamental para que a cobertura viva atenda às expectativas de seus usuários. Assim, a complexidade do projeto deve levar em conta a mão-de-obra que o executará, bem como, se os materiais serão ou não industrializados.

No período em que se deu a investigação, não foi encontrada no mercado nenhuma empresa que fornecesse o conjunto de produtos e serviços necessários às coberturas vivas, a exemplo do que é oferecido em países onde seu uso já está consolidado. Nestes países, empresas como a alemã ZinCo vendem os componentes, executam, e oferecem manutenção e garantia. Em apenas três das dez obras analisadas houve uma empresa envolvida, vendendo o serviço de execução. Dentre estas, apenas uma cumpriu com o contrato: aquela que trazia os módulos com plantas dentro, em um produto patenteado.

Durante a pesquisa também não foi encontrado, no mercado, o tecido de poliéster revestido em PVC, de 2mm de espessura, citado por Minke (2004) como sendo a solução de proteção às raízes mais segura e econômica utilizada na Europa. Por este motivo, faz-se importante testar e avaliar o desempenho dos materiais disponíveis para o emprego desta técnica construtiva, em especial àqueles componentes com a função de impermeabilização.

Embora as coberturas vivas extensivas estejam sendo cada vez mais projetadas e executadas nacionalmente, identificou-se certa carência de pesquisas científicas sobre o tema. Pesquisas com espécies nativas, para emprego como mudas individuais- como é o caso, nas coberturas vivas- possibilitarão a verificação da adaptabilidade de plantas locais e nativas a esta técnica construtiva. Outro componente para o qual novas pesquisas serão benéficas é a impermeabilização, pois o uso de coberturas vivas está intimamente ligado ao conceito de sustentabilidade, e a manta asfáltica (que foi a impermeabilização com melhor resultado nas obras investigadas), não é uma opção condizente com este conceito. Neste sentido, esta pesquisa busca contribuir para a formação de um banco de dados sobre a utilização de coberturas vivas no Brasil.

6 REFERÊNCIAS

BRITTO C.C.; **Análisis de la Viabilidad y Comportamiento Energético de la Cubierta Plana Ecológica.** 2001. Tese (Doutorado em Construção e Tecnologia Arquitetônicas) - Departamento de Construção e Tecnologia Arquitetônicas. Escola Técnica Superior de Arquitetura. Universidade Politécnica de Madrid. Madrid, Espanha.

COLOMBO, C.R. **Princípios Teórico-Práticos para Formação de Engenheiros Civis:** em Perspectiva de uma Construção Civil Voltada ao Desenvolvimento Sustentável. 2004. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção)-PPGEP. UFSC, Florianópolis.

FAGUNDES, H.A.V; MANO, R.S.: **Cobertura Vegetal:** O Ajardinamento de Tetos Planos e Inclinados. 2001. Trabalho não publicado.-PPGEC. UFRGS, Porto Alegre.

KOHLER, M.; GRIMME, F.W.; GUSMÃO, F.; LAAR, M.; DE ASSUNÇÃO PAIVA, V.L.; TAVARES, S.; SCHMIDT, M.; AUGUSTA DE AMIGO, N.; SOUZA, C.G. Estudo de Aplicação de Plantas em Telhados Vivos Extensivos em Cidades de Clima Tropical. In: ENCAC, 2001, Campinas. Anais eletrônicos ... Disponível em: <http://www.fh-nb-de/lu/manKoehler/download/encac-telhadoverde-fp.doc>. Acesso em :12 set. 2004

MENEGAT, R. (Coord.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

MINKE,G. **Dächer Begrünen Einfach und Wirkungsvoll.** Freiburg: Ökobuch Verlag, 2000.

MINKE,G. **Techos verdes: planificación, ejecución, consejos prácticos.** Montevideo: Fin de Siglo, 2004.

POUEY, M.T.F. **Estudo experimental do desempenho térmico de coberturas planas:** vegetação e terraço. 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – PPGEC. UFRGS, Porto Alegre.

7 AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem às Prof. PhD. Beatriz Fedrizzi, PhD. Celina Britto e PhD. Glenda Cruz, aos arquitetos MEng. Hilton Fagundes, MEng. Júlio Cruz e Carlos Menz, ao agrônomo MAgri. Toni Backes, e a todos os autores dos projetos pesquisados e também a seus usuários.